

Caminhando com as velhices: notas sobre a clínica do AT no envelhecimento

O Acompanhamento Terapêutico (AT) é a clínica que se faz com os pés, caminhando. Os pés pisam o chão, por onde fincamos as raízes com a terra, pela qual podemos experimentar o pertencimento ao solo que compartilhamos com os outros. Somos seres *com*. Nossa constituição se dá a partir do outro, com o outro, desde o momento em que nascemos – e até antes, nas entranhas do útero materno – estamos sempre acompanhados.

Caminhando nos fazemos, nos criamos, nos experimentamos no mundo. Nossos pés nos permitem andar, atravessar, parar, seguir. Ritmos que são próprios, necessários ao viver. O mundo tem seu próprio compasso e nossos pés podem ou não sintonizar com seus convites e suas demandas, mas uma coisa é fato: precisamos de pés para caminhar.

O acompanhante terapêutico (at) é aquele que faz clínica com os pés. Ele caminha até o acompanhado, ele para e ele fica. Ele permanece ao lado daquele que está tentando encontrar seu próprio passo. **Acompanhar**. Eis o verbo do at. Ele é acompanhante. Mas afinal, o que ele acompanha, se não os pés por onde pisam o acompanhado? Esses pés podem estar no quarto, na poltrona da sala, levantados sob a cama, na cozinha, no quintal, podem estar em uma instituição, no hospital e até mesmo na rua. O at estará onde a realidade do acompanhado finca os pés. Às vezes, acelerados. Por vezes parados. Mas sempre onde o desejo repousa. Ele está atento ao movimento do corpo de quem se acompanha. Corpo que é matéria subjetiva. Esse corpo que está no mundo. Que sofre por estar no mundo. Que tenta encontrar alianças para pertencer a esse mundo – ou pelo menos a uma parte dele –, para encontrar seu próprio ritmo, de forma tão particular quanto os pés que temos. E para isso, o at também é corpo. Longe da pretensão da neutralidade exigida e aclamada em certas práticas, o at é corpo que encontra, que se inquieta, que se expõe, que se arrisca, que aposta. Aposta no encontro dos corpos, compondo a dança e o ritmo que se fazem necessários no aqui e agora de cada acompanhado. E ele acompanha. Sem pressa, sem expectativas, sem cobranças. Ele simplesmente acompanha. Acompanha essa travessia de cada um em seu sofrer e em sua ética de existir.

Parece simples a tarefa do at: acompanhar. Estar ali. Entretanto, essa postura demanda um enorme esforço, pois, nesse mundo em que somos constantemente demandados por normativas que determinam como devemos

ser e estar com os outros, parar é resistir. Fincar os pés na terra. Respirar, reencontrar o seu eixo, silenciar as exigências do que se espera – do corpo, da vida, da velhice – e encontrar o outro ali onde ele existe. A clínica do AT surgiu e se sustenta com e pelas pessoas que, por terem seu jeito próprio de estar no mundo, não se encaixavam. Ficavam e ficam à margem. À margem de padrões que a própria sociedade cria do que é considerado aceitável, correto e saudável, deixando de fora tudo aquilo que incomoda, que não entende, que estranha e que, muitas vezes, causa repulsa. Desorganiza uma certa ordem. Dessa forma, excluem-se do laço social aqueles cujos pés ousam pisar de outra forma. Ousam carregar as marcas da diversidade e da singularidade. Ousam dar notícias da passagem do tempo e da finitude humana. Não seguem um mesmo fluxo. Mas furam, escapam, causando rupturas e desarranjos. O at não está ali para reinserir o acompanhado em uma lógica que o exclui, mas para ousar estar *com*, em sua maneira própria de ler o mundo e de caminhar. Vamos juntos, com a aposta de que possamos nos tornar companhia; são os nossos pés que sintonizam com os do acompanhado e não ao contrário. E isso por si só é revolucionário. A clínica do AT, portanto, também é política.

A escuta e a presença são armas poderosas para enfrentar a visão dualista e separatista, voltando o olhar sob a ótica amorosa e cuidadosa da ética, compreendendo que a terra por onde pisamos comporta todos os passos e ritmos (im)possíveis. O at é aquele que com o corpo sustenta o olhar, a escuta e o caminhar que testemunha a dignidade de uma existência, em toda a sua dor e também em sua potência. A vida é bela e trágica ao mesmo tempo, como nos ensina Nietzsche¹. Caminhar pela dor acompanhado pode fazer toda a diferença, não para apagar o sofrimento – isso seria humanamente impossível –, mas para dividi-lo, compartilhá-lo, para sentir que seus pés encontram consonância nos pés de um outro alguém. Celebrar as belezas e as alegrias da vida também não faz sentido se estamos sozinhos. Afinal, somos seres *com*.

Caminhamos também com nossas mãos². Quem não tem pés também caminha. Caminhamos com nosso corpo inteiro, pois um pedaço dele é do tamanho do todo, assim como um dia é do tamanho da vida³. Caminhar não é apenas um movimento das pernas, mas interação e conexão com o mundo. Para além do mecânico, adentramos o corpo intensivo que explora, toca, afeta e é afetado⁴ o tempo inteiro. O corpo é lugar de produção de novos sentidos. O corpo é criação. Enquanto caminhamos criamos, não só realidade, mas a nós mesmos. Como artistas de si, na estética da existência⁵, ao caminhar, criamos vida. E assim como na obra de arte, não cabe comparar, julgar, analisar moralmente ou tentar racionalizar, pois há algo que sempre escapa, transbordará. A vida não cabe em caixas e fórmulas pré-concebidas. É caminhando que descobrimos o caminho. É caminhando que nos fazemos. É permitindo ao corpo experimentar a vida que

¹ Nietzsche, Friedrich. (1881-1887). **A Gaia Ciência**. 2ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.

² Gros, Frédéric. **Caminhar, uma filosofia**. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

³ Sêneca, Lúcio Anneo (63-65). **Aprendendo a viver**. Porto Alegre: L&PM, 2017.

⁴ Spinoza, Baruch (1632-1677). **Ética**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

⁵ Foucault, Michel (1984). **História da sexualidade 3: O cuidado de si**. 5ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

nos tornamos quem somos. E não ao contrário. Podemos estudar, ler, falar, nomear e nada disso conectar com a nossa existência. A racionalidade é – ou pode ser – admirável, mas de nada adianta se ela não virar corpo no mundo, pés que caminham. E está aí a particularidade da clínica do AT. Caminhar junto. Deixar a palavra e a ação fluírem em todos os órgãos e camadas do corpo. Andar. Resgatar a potência da pele, esse órgão vivo que nos protege e nos expõe no contato com o mundo, as cores, os sabores e os *afectos* que nos atravessam o tempo todo, de dentro para fora, de fora para dentro – afinal quando começa o fora e quando termina o dentro?

O AT é a clínica do “entre”. O acompanhante faz a ponte entre a casa e a rua, entre o quarto e a sala, entre o piso trêmulo e o caminhar firme, entre a corrida e a dança. A potência do at está na circulação no território existencial de cada um, por onde o desejo pede passagem, nas linhas de fuga: de repente, juntos, acompanhado e acompanhante, viram uma esquina, pegam uma ruela e nela, experimentam um novo jeito de estar no mundo, uma dobra do tempo. O at faz um convite a adentrar a vida, a espiá-la sob outras frestas, no compasso do possível, respeitando o ritmo, a força, a cadência e os limites de cada um.

O at está ali, também com o seu corpo. Menos protegido do que no consultório. O corpo dele é passagem constante na cena viva. Do que acontece no aqui e agora da existência do acompanhado (e também da sua). É uma clínica do *acontecimento*⁶. E isso exige corpo. Exige presença. Exige resistência e persistência. Exige vulnerabilidade e abertura. Exige sustentar muitas vezes o insustentável. E para isso, estar *com* é uma premissa. O at também precisa da sua própria rede, teia pela qual ele sustentará o seu trabalho, por onde sentirá o amparo que possibilita sua caminhada. Na troca com pares, na supervisão, na própria análise/terapia, nos cursos, nas danças, nas costuras e em qualquer ferramenta que nutra o corpo.

E a escrita! Sim, a escrita! Escrever é também caminhar. Caminhar com as palavras. Escrevendo também vamos sendo. Sempre no gerúndio. Nada está acabado. Quando escrevemos criamos, não só representamos e associamos, mas vivemos o nosso corpo na potência que ele tem de transbordar e criar. Usamos as palavras. Ou será que elas nos usam? Toda escrita é percurso. Cada escritor/a terá sua própria maneira de escrever e cada texto vai ganhando seu próprio curso. O processo de escrita – assim como a clínica do AT – demanda tempo, energia, disponibilidade, paciência, persistência. Tem gente que escreve tudo de uma vez, deixando livre o fluxo de pensamento que o atravessa. A escrita urge em existir! Se não escrever, adocece. Tem outros que pensam e elaboram todo o raciocínio e depois se sentam e vão conversando com as palavras que insistem em surgir... ainda outros, começam, param... passam por tempos de seca, em que as palavras parecem silenciar, depois voltam a renascer... e outros, não. Ao contrário, do avesso, no tempo do tempo, não importa. É um processo único que diz respeito a cada um/a, como cada um/a caminha no mundo. Aliás, a escrita que encontrarão aqui respira um ar vivo, não é meramente reprodução

⁶ Deleuze, Gilles; Guatarri, Félix. (1991). **O que é a filosofia?** 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

de textos prontos, pensamentos elaborados em bibliotecas ou no conforto do lar, mas palavras vivas que têm seu próprio cheiro, gosto e som, trilhados por corpos em movimento no encontro com outros corpos.

Portanto, convidamos vocês, leitores e leitoras, a caminharem conosco nesse percurso pela clínica do AT no envelhecimento. Compreendendo que cada texto tem seu estilo próprio, cada autora vai fazendo sua própria caminhada pela clínica, por onde seus pés pisaram, por onde se afetaram e por onde eles as levaram...

Esperamos, assim, transmitir um tanto do que a clínica do AT desperta, sabendo que jamais poderemos enquadrá-la em um único jeito de ser e de se fazer... entendendo que a potência do encontro singular com a existência sempre terá um percurso e um convite próprios. A escrita, assim como o AT, é campo aberto de possíveis. Não se fecham, mas abrem-se possibilidades de estar *com*. Veja, *com*. E não *por*. Estar *com* o outro é muito diferente de estar *pelo* outro. Nessa sutileza mora toda uma diferença e é justamente no campo das miudezas que se sustenta a clínica do AT.

Tendo isso em mente, desejamos uma boa caminhada a todos e todas!

Isadora Di Natale Nobre
Organizadora e editora do presente volume

Antes do primeiro passo

O Acompanhamento Terapêutico (AT) é um dispositivo clínico criado na segunda metade do século XX no contexto da reforma psiquiátrica e que se institui a partir de fundamentos da ética antimanicomial. Trata-se de uma resposta à necessidade de novos dispositivos de tratamento e da criação de espaços no território das cidades e comunidades para as diversas maneiras de existir. No decorrer das décadas, a prática encontrou reverberações importantes em outros campos de atuação, como o da velhice e envelhecimento. É uma abordagem clínica cada vez mais utilizada para atender pessoas idosas, principalmente aqueles que estejam vivenciando algum sofrimento decorrente de processos psíquicos e/ou físicos que corroboram para a fragilização dos laços sociais.

O AT, como clínica ampliada, é um dispositivo caracterizado por uma flexibilidade de atuação fora dos âmbitos tradicionais de tratamento, como o consultório e o hospital, tendo como foco o território onde o sujeito vive e por onde deseja circular. Tem sido um recurso inovador e fundamental na atenção às demandas de cuidado clínico dos mais velhos, visando projetos de vida que

façam sentido ao sujeito que envelhece, elaborados conjuntamente a partir da construção de um vínculo, levando em consideração sua história de vida, seus desejos, suas possibilidades e seus contextos.

O convite para a escrita dessa edição foi feito pelo Espaço Longeviver/Portal do Envelhecimento para a Tempo – clínica e cuidados no envelhecimento⁷, selando uma parceria de longa data. A Tempo, coordenada pela psicanalista Maíra Humberto Peixeiro, possui mais de 20 anos de experiência no campo do envelhecimento e da saúde mental, compondo um espaço de cuidados a partir da escuta clínica de pessoas idosas e suas famílias, incluindo a atuação na formação de profissionais que trabalham com envelhecimento.

Os três eixos de trabalho da Tempo incluem o núcleo clínico (acompanhamento terapêutico e atendimentos familiares); o núcleo de transmissão (envolve a produção teórico-clínica, grupos de estudo, cursos e supervisão clínica) e o núcleo de grupos (grupos de saída, grupo papo de quinta - somente com homens - e conversas de ateliê). Todas essas intervenções têm lugar na intersecção entre a maneira singular de cada um experimentar o processo de envelhecimento e as representações do envelhecer no campo social. Buscam tanto mobilizar transformações no lugar ocupado pela velhice em nossa cultura, levando em conta as marcas subjetivas que permeiam o envelhecer de cada um, sempre enfatizando o compromisso social e ético das práticas de cuidado.

Os textos aqui reunidos foram inicialmente produzidos, em sua maioria, como trabalhos de conclusão do curso **“Acompanhamento terapêutico no envelhecimento: um dispositivo clínico”** nos anos 2023, 2024 e 2025; curso oferecido anualmente pela equipe Tempo – clínica e cuidados no envelhecimento, em parceria com o Espaço Longeviver. Nesse curso, a transmissão da prática do AT, marcada por uma postura clínica apoiada na escuta, na sensibilidade e na sustentação de uma presença aberta às inúmeras vicissitudes subjetivas e dos territórios, tem se mostrado um enorme desafio para a equipe docente.

O processo de escrita do trabalho constitui um primeiro momento de elaboração dos conteúdos e da experiência do curso e propicia algum reconhecimento, por parte da equipe e também dos alunos, das reverberações dessa transmissão em cada um. No decorrer das seis edições deste curso, aprimoramos a sustentação oferecida ao processo de escrita dos trabalhos - sempre muito temido pelos estudantes - criando Oficinas de Escrita que fazem parte da grade horária curricular, e convidam cada aluno e aluna a dar lugar a uma inquietação legítima a partir do percurso das aulas.

É importante ressaltar que recebemos pessoas que desejam exercer a função de acompanhantes terapêuticas (e o curso seria um primeiro momento nessa trajetória), pessoas que já a exercem (e desejam aprimorar sua prática) e pessoas que realizam outras práticas de cuidado no envelhecimento (e buscam

⁷ Instagram @tempo.clinica e site: <https://msha.ke/tempo.clinica/>

acessar o instrumental do AT para melhor sustentá-las). Cada texto traz essa aproximação única, desde diferentes lugares, aos temas da clínica, do acompanhamento e do envelhecer.

Para a organização desta edição, os textos foram retrabalhados e revisados visando uma maior acessibilidade ao leitor não especialista, preservando, no entanto, o rigor teórico e a intencionalidade das autoras. Para dialogar com os artigos apresentados, convidamos duas delas para colaborarem com suas longas experiências no campo do AT, Adriana Canepa Barbosa e Cristiana Kehdi Gerab.

Temos, assim, um conjunto de experiências particulares tendo como fio condutor, como terreno comum, a implicação da clínica do AT na articulação com o campo do envelhecimento: o cuidado com as diversas velhices em seus contextos sociais, políticos, econômicos, subjetivos, históricos, geográficos, culturais e tantos outros que compõem a múltipla diversidade do existir. Que vocês possam caminhar junto conosco!

Isadora Di Natale Nobre e Natália Alves Barbieri
Organizadoras da edição

Maíra Humberto Peixeiro
Coordenadora da Tempo

Isadora Di Natale Nobre - Psicóloga e Mestre em Gerontologia Social pela PUC-SP. Integra o grupo de AT da Equipe Tempo - clínica e cuidado no envelhecimento. Aperfeiçoamento em Reabilitação na Deficiência Física: Enfoque Multidisciplinar pela AACD. Experiência na área da reabilitação de adultos e idosos com deficiência física (AACD). Pós-graduada em Docência no ensino em saúde pelo Instituto de Ensino e Pesquisa Albert Einstein. Docente e pesquisadora nas áreas da Saúde, Psicologia e Envelhecimento. Autora do livro "Corpo e velhice: tecendo novos arranjos" pela editora Portal do Envelhecimento (2021). Contato: isadora.dnn@gmail.com

Natália Alves Barbieri - Psicóloga e psicanalista, Doutora e Mestre em Saúde Coletiva pela UNIFESP-EPM. Fundadora da Tempo - Clínica e Cuidado no Envelhecimento, atualmente coordenadora do Grupo de transmissão e formação na Clínica do envelhecimento. Organizadora do livro "Travessias do Tempo:

Acompanhamento Terapêutico no Envelhecimento", ed. Casa do Psicólogo.
Contato: nabarbieri@uol.com.br

Máira Humberto Peixeiro - Psicóloga e psicanalista, Mestre em Psicanálise pela Univ. Paris 7. Fundadora e coordenadora geral da Tempo – Clínica e Cuidado no Envelhecimento, onde é supervisora da Equipe de acompanhantes terapêuticos e do Núcleo de grupos e coordenadora do curso “Acompanhamento terapêutico no envelhecimento: um dispositivo clínico”. É membro do Grupo de Trabalho e Pesquisa “Fases do Traumático” no Depto. de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e supervisora do programa de aprimoramento clínico do Favela de Psicanálise. Autora de artigos na área da psicanálise, acompanhamento terapêutico e envelhecimento. Contato: mairapeixeiro@gmail.com



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.